

*Há os que fazem de uma luz fraca uma tocha e de um archote um sol e que louvam a vida inteira aquele que os gratifica uma noite; e os que gritam «fogo!» mal vêem uma réstia de luz ao fundo do seu túnel, menosprezando qualquer mão que se estenda para eles.*

*Na Argélia, chamamos a esta última categoria os Béni Kelboun.*

*Geneticamente nefastos, os Béni Kelboun dispõem de uma trindade própria:*

*Mentem por natureza,  
enganam por princípio  
e  
prejudicam por vocação.*

*Eis a sua história.*



# 1.

É UMA MANHÃ ESPLÊNDIDA, que existe só por si como um rouxinol a cantar num mundo de surdos; uma manhã argelina, com um sol de Dezembro resplandecente e frio, semelhante a uma jóia cravada no azul, fora do alcance dos sonhos retorcidos, das preces enviadas e dos Ícaros de asas cortadas.

O céu é de um azul lustral.

Franzindo as pálpebras, e com alguma sorte, surpreenderíamos os deuses no seu refúgio, de pança pousada nos joelhos e cabeça inclinada para trás em risadas homéricas, divertidos com as provações terrenas e o bailado dos cometas.

Dir-se-ia que se ouve um marulhar, mas não há qualquer fonte nem ribeiro nas redondezas. No silêncio da floresta de Bãinem, tudo parece fluir naturalmente. E tudo é encantamento: a bruma que se eleva da ravina, as mosquinhas que revolteiam num halo de luz, indissociáveis das centelhas que gravitam em torno delas, o orvalho na erva, o ramalhar das moitas, a fuga ao retardador de uma doninha — uma pessoa sente necessidade de se beliscar.

Se um poeta, repellido pela sua egéria, desse com este lugar reinventaria o amor num estalar de dedos.

Se um vagabundo arrastasse os seus farrapos até este refúgio de paz, chamá-lo-ia Terra Prometida. Empilharia os andrajos contra uma

árvore, lançaria sete pedras em todas as direcções para transformar cada clareira numa pátria e cada gruta num mausoléu.

Preso nos ramos de um chorão, oscila um lençol sedoso. Enrolado sobre si.

À sombra de um penedo, entre coroas de flores silvestres, repousa uma rapariga. Nua da cabeça aos pés. Bela como só uma fada fugida de uma tela de mestre. Está semideitada de lado, com o rosto virado para leste, um braço sobre o peito. Os grandes olhos sublinhados a rímel estão abertos, o olhar cativo das pestanas compridas que tantas emoções devem ter desencadeado. Maravilhosamente maquiada, os cabelos constelados de lantejoulas, as mãos avermelhadas de hena com motivos berberes até aos pulsos, dir-se-ia que o drama a surpreendeu no meio de um casamento. Jaz na margem de um ribeiro seco, com o corpo contorcido, indiferente ao rumor nascente dos silvados, nada incomodada com a reptação da cobra que acaba de se insinuar sob a sua anca.

Neste cenário de sonho, enquanto o mundo acorda para os seus próprios paradoxos, a Bela Adormecida rompeu com os contos. Deixou de acreditar no príncipe encantado. Nenhum beijo a ressuscitará.

Está ali, é tudo.

Simultaneamente fascinante e pavorosa.

Como uma oferenda sacrificial...

## 2.

Ah! Argel...  
Branca como uma síncope.

Já não é senão uma ruína mental, pensa Ed Dayem ao reencontrar a mítica capital afundada até ao pescoço nos próprios vômitos. Ah! Argel, Argel... Desaparecidos da circulação, os santos patronos escondem-se atrás das suas sombras, de dedo nos lábios a suplicar aos paroquianos que se façam de mortos; quanto aos seus hinos estri-dentes, extinguiram-se nos protestos de uma juventude posta em doca seca, que já não sabe fazer outra coisa senão vegetar encostada às paredes, à espera que se declare uma cólera na rua para saquear as lojas e incendiar edifícios públicos. À excepção de uma minoria de snobes que adopta os piores defeitos de Paris, é o abastardamento metastizado. Até o vício se esfiampa na insipidez envolvente, e as prostitutas, que costumavam rejeitar os estropiados, cheiram aos lençóis mortuários e ao suor animal dos bordéis de má qualidade.

Esparramado no banco traseiro do táxi que o transporta do aeroporto, Ed Dayem ouve as tripas gorgolejarem. O mal-estar declarou-se mal entrou no avião e foi piorando à medida que a costa argelina se aproximava. Os antidepressivos que ingere à porfia já não fazem efeito. Sempre que volta ao país, sente-se como um assassino de regresso ao local do crime.

No entanto, Ed Dayem não é qualquer um. Quando leva a mão ao bolso, ouve-se senadores, deputados, magistrados, presidentes de câmara e uma quantidade de notáveis agitarem-se como moedas no mealheiro de um menino mimado. Mas, na Argélia, nenhum deus está completamente protegido.

Para moderar as angústias, Ed interessa-se pelo motorista do táxi, um homenzinho lamuriante, de tez esverdeada, apertado num fato ridículo que dir-se-ia roubado a um mendigo. É verdade que já ninguém se sabe vestir no país mas, nos últimos anos, as pessoas exageram. Arrastam-se de sandálias durante todo o dia, vestem túnica de sexta-feira a sexta-feira e vão aos enterros em fato de treino. A ética deu de frosques; já ninguém parece aperceber-se da regressão que está prestes a apropriar-se dos espíritos.

Ed Dayem concentra-se na nuca diante dele, frágil e grotesca, com películas por todo o pescoço. É uma nuca curvada, gasta, inclinada sob o peso de uma cabeça saturada de arrelias e de rancores em permanente gestação.

O motorista resmunga. Os seus óculos de míope e o seu francês sem sotaque deixam adivinhar o universitário sem cheta que terá preferido uma licença de táxi a um diploma estéril. Num país cujos decisores se esfalfam a construir vivendas para os pimpolhos onde deveriam erguer-lhes uma nação, não é raro deparar com talentos experientes que labutam em restaurantezecos para tentar que o dinheiro chegue ao fim do mês...

Ed afasta com a mão os seus pensamentos prestes a derivarem e lança uma mirada ao *tablier* no qual está presa com fita-cola a fotografia de uma garota com tranças severas. A menina sorri, mas o seu olhar não acompanha o sorriso; adivinha-se a frustração em plano de fundo.

Nos tempos que correm, a ternura é uma maneira como qualquer outra de comer pão seco na atmosfera dos churrascos; pode não alimentar um homem, mas ajuda-o a aguentar.

Ao lado da fotografia, uma nota plastificada pede aos passageiros que não fumem, tendo, como aviso destinado aos analfabetos, o

desenho de um cigarro com o sinal de proibição. O porta-luvas masacrado transborda de fios eléctricos enrodilhados. Riscado por limpa pára-brisas inutilizáveis, o pára-brisas proporciona uma visibilidade discutível. Um rosário de pechisbeque, provavelmente trazido de Meca, pende do retrovisor, com as contas lascadas. O automóvel, embora recente, range por todos os lados. Construído em países que não são obrigados a seguir as normas europeias e exclusivamente destinado a países de baixa envergadura, esta gama de veículos baratos invadiu a Argélia, o que explica por que motivo o país regista uma das mais importantes taxas de acidentes de circulação do mundo.

O motorista não está satisfeito. Não pára de grunhir contra os bólides que o ultrapassam e contra as carripanas poluentes que coxeiam na estrada. «Não é possível», fulmina. «Ou acham que estão na Fórmula 1 ou num cortejo fúnebre. Só não sabem o que é circular normalmente.»

Na realidade, o motorista está furioso porque a equipa nacional de futebol levou uma trepa memorável, na véspera, comprometendo assim as probabilidades de qualificação na Taça de África. No aeroporto, todos se mostravam discretos e os funcionários da alfândega, habitualmente muito atentos, quase não cheiravam as bagagens. Quando a El-Khadra<sup>1</sup> perde uma oportunidade, toda a nação fica enlutada.

— Porque não contratam um treinador estrangeiro? — geme o motorista, apertando o volante como se torcesse o pescoço ao presidente da FAF<sup>2</sup>. — A nossa equipa nacional é a única alegria que nos resta.

Interpela o passageiro pelo retrovisor:

— Viu o jogo, amigo? 4 a 0. A vergonha do século!... Não eram atletas, eram *majorettes*. Não consigo acreditar que tenhamos estado no Mundial com este bando de excêntricos platinados. Parece que, depois do encontro, foram todos divertir-se para a *boîte*. Está a topar?

---

<sup>1</sup> «Os Verdes», nome da equipa nacional de futebol. (N. do A.)

<sup>2</sup> Fédération algérienne de football, federação argelina de futebol. (N. da T.)